

Capítulo I

Prosterna-te

Em princípios de 1880, apesar da bem fundada dúvida que tinha sobre a sensatez de perpetuar esta raça que tem o consentimento do Senhor e a desaprovação dos homens, Hedvig Volkbein — mulher vienense de grande energia e beleza marcial, estendida numa cama de dossel de um sumptuoso e espectacular carmesim, o lambrequim marcado com as asas bifurcadas da Casa dos Habsburgo e a capa de cetim da colcha com as armas de Volkbein desenhadas em fios de desbotado ouro maciço — deu à luz, aos quarenta e cinco anos, um filho único, um rapaz, sete dias depois da data prevista pelo médico.

Voltando-se para este campo de batalha, agitado pelo ruído de cavalos matinais na rua em frente, com a grosseira pompa de um general saudando a bandeira, chamou-lhe Felix, lançou-o para fora de si e morreu. O pai da criança desaparecera seis meses antes, vítima da febre. Guido Volkbein, judeu de ascendência italiana, fora ao mesmo tempo um *dandy* e um apreciador de boa comida que nunca aparecia em público sem que a condecoração referente a uma qualquer distinção perfeitamente desconhecida lhe colorisse a botoeira com a sua discreta fita. Pequeno, rotundo e muito tímido, tinha o ventre ligeiramente proeminente e com uma curva ascendente que realçava os botões do colete e das calças, assinalando o exacto meio do corpo com essa espécie de linha obstétrica que vemos nos frutos — o arco de círculo, inevi-

tável resultado das pesadas rodadas de borgonha, *schlagsahne* e cerveja.

O Outono, que mais que qualquer outra estação o cercava de reminiscências raciais, o Outono, esse tempo de ansiedade e horror, era, dizia ele, a sua estação. Podia então ser visto a passear no Prater, levando no punho ostensivamente fechado o estranho lenço de linho amarelo e negro que invocava alto e bom som a ordenança de 1468, promulgada por um tal Pietro Barbo, exigindo que, de corda ao pescoço, a raça de Guido corresse no Corso para divertimento da população cristã, enquanto as damas de nobre nascimento, assentes em colunas vertebrais demasiado refinadas para poderem estar quietas, se erguiam dos assentos e, na companhia dos cardeais de vestes vermelhas e dos *Monsignori*, aplaudiam com o abandono frio mas histérico de um povo que é injusto e feliz, e o próprio papa se precipitava da sua morada celestial e, através do riso de homem que esquece os anjos, readquiria a sua animalidade. Esta recordação e o lenço que a acompanhava tinham produzido em Guido (como certas flores levadas a um apogeu de extática luxúria que, mal alcançam o seu tipo específico, definham) a substância total do que é ser judeu. Tinha caminhado, ardente, imprudente e maldito, com as pálpebras frementes sobre os olhos espessos, ensombrecidos pela dor de uma participação que, quatro séculos mais tarde, faria dele uma vítima quando sentia na própria garganta o eco do grito que outrora correria sobre a Piazza Montanara: «Roba Vecchia!» — a degradação à custa da qual os seus haviam sobrevivido.

Sem ter ainda filhos aos cinquenta e nove anos, Guido preparara com o seu coração, para a criança que ia nascer, um coração modelado sobre a sua principal preocupação: a homenagem sem remorsos à nobreza, a genuflexão feita através de uma contracção muscular do corpo perseguido que se deixa cair diante do que é eminente e inacessível, como diante de um grande entusiasmo. Fora isso que dera a Guido, como também daria a seu filho, um pesado sangue interdito.

E tinha sido sem filhos que morrera, se exceptuarmos a promessa suspensa na cintura cristã de Hedvig. Guido vivera como todos os judeus, que, separados do seu povo por acidente ou opção, des-

cobrem que têm de habitar um mundo cujos elementos, precisamente por serem estranhos, forçam o espírito a sucumbir a uma população imaginária. Quando um judeu morre apoiado a um seio cristão, morre dilacerado. Apesar de toda a sua agonia, foi sobre um proscrito que Hedvig chorou. Naquele instante o seu corpo tornou-se uma barreira e Guido morreu contra essa parede, perturbado e só. Em vida tinha feito tudo para transpor esse abismo impossível. O seu mais triste e fútil gesto consistira em procurar obter o título de barão. Tinha adoptado o sinal da cruz; tinha chegado a dizer-se austríaco de uma antiga linhagem quase extinta, exibindo em apoio da sua história as provas mais espantosas e descabidas: um brasão a que não tinha qualquer direito e uma lista de antepassados (incluindo os seus apelidos cristãos) que nunca haviam existido. Quando Hedvig o interrogara sobre os seus lenços negros e amarelos, afirmara que se destinavam a lembrar-lhe que um ramo da família florescera em Roma.

Tentara formar com ela um único ser, adorando-a e imitando o seu andar de ganso, que nele se tornava deslocado e cómico. Ela teria feito outro tanto mas, sentindo nele qualquer coisa de blasfemo e solitário, aparou o golpe como se esperaria de um não-hebreu — aproximando-se dele na aversão. Acreditara em tudo o que ele lhe contara. Perguntava, no entanto, muitas vezes «o que se passa?» — perpétua crítica que pretendia ser um perpétuo apelo para que a amasse, mas que ecoava na vida dele como uma voz acusadora. A braços com o seu tormento, chegara mesmo a celebrar as cabeças coroadas, lançando-lhes elogios com a violência de um jacto de água reforçado pela pressão de um polegar. E rira com todo o gosto quando se achara em presença de detentores de títulos inferiores, como se, por bondade natural, pudesse conceder-lhes qualquer distinção com que tivessem sonhado. Confrontado com nem mais nem menos do que um general vestido de couro rangente e com os movimentos ligeiramente percucientes comuns aos personagens militares, que parecem respirar de dentro para fora, cheirando a pólvora e a carne de cavalo, e que, apesar de letárgicos, estão prontos para participar numa guerra ainda indeterminada (um tipo de homens pelos quais Hedvig sentira muita inclinação), Guido fora sacudido por um tremor invisível. Re-

conhecia em Hedvig a mesma postura, o mesmo vigor, só que mais condensado, na mão feita num molde mais pequeno, tão sinistra na sua redução como uma casa de bonecas. A pluma no seu chapéu tinha a nitidez de uma faca e tremia como se fosse agitada por um vento heráldico; era um modelo oferecido à Natureza, uma mulher exacta, de seios opulentos, feliz. Olhando-os, Guido ficara perturbado, como se fosse sofrer uma reprimenda, não do oficial, mas de sua mulher.

Quando ela dançava, um pouco estonteada pelo vinho, o pavimento tornava-se um campo de manobras; os seus exercitados calcanhares golpeavam os tacos de madeira do chão; os ombros pareciam tão conscientes de si como os que exibem os galões e as borlas das patentes militares superiores; e a cabeça, voltada para o lado, mantinha a vigilância fria de uma sentinela cujas rondas não estão isentas de apreensão. E, no entanto, Hedvig fazia o melhor que podia. Se existe um chique maciço, ela personificava-o — mas não sem uma vaga inquietação. Se alguma coisa perseguira, sem mesmo disso ter consciência, fora a garantia que Guido lhe dera de ser barão. Acreditava nisso como um soldado «acredita» numa ordem. Qualquer coisa no seu ser sensível — a que ela não teria concedido, por si, qualquer valor — lho tinha dito sem que pudessem ficar quaisquer dúvidas. Hedvig tornara-se baronesa sem discussão.

Na Viena do tempo de Volkbein havia poucos negócios acolhedores para os judeus. Guido, no entanto, graças a diversas transacções de bens imobiliários, a discretas compras de quadros de antigos mestres e primeiras edições, bem como a operações de câmbio, conseguira obter para Hedvig uma casa no centro da cidade, voltada a norte para o Prater, uma casa vasta, sombria e imponente que se tornou o museu fantástico do seu encontro.

Os longos salões rococó, estonteantes de pelúcias e volutas douradas, estavam povoados de fragmentos romanos, brancos e desirmanados: uma perna de atleta, a glacial cabeça semivoltada de uma matrona ferida no seio, cujas audaciosas órbitas cegas recebiam uma pupila das sombras fugidias, de tal modo que aquilo que olhavam dependia da acção do Sol. O grande salão era em nogueira. Sobre a chaminé estavam suspensos impressionantes exemplares dos brasões dos Médicis e, ao lado, a ave que simboliza a Áustria.

Três maciços pianos (Hedvig tocara as valsas do seu tempo com a mestria de um homem, no movimento rápido e acelerado do seu sangue — com a enérgica delicadeza de toque dos vienenses que, apesar de agulhoados pelo amor ao ritmo, satisfazem tal necessidade à maneira dos duelistas) alongavam-se sobre a espessa amálgama sangue-de-dragão das tapeçarias madrilenas. O escritório abrigava duas secretárias desconexas, de uma preciosa madeira cor de sangue. Hedvig gostava de coisas aos pares ou em trios. No meio arco que existia nas secretárias haviam sido pregadas tachas com cabeças em prata, de modo a desenhar um leão, um urso, um carneiro, uma pomba e, ao centro, uma tocha a arder. O desenho fora executado sob a supervisão de Guido, que, cedendo a um impulso de momento, o reivindicou como brasão dos Volkbein, apesar de se tratar de um motivo heráldico há muito declinante sob o severo olhar papal. As janelas abertas até ao chão (um toque francês que Guido considerava elegante) davam, através das cortinas de veludo nativo ou estofos tunisinos, para o parque e as persianas tinham aquele tom de vermelho particularmente sombrio de que os austríacos tanto gostam. Nos painéis de carvalho, que se elevavam acima da longa mesa até ao tecto arqueado, estavam suspensos os retratos em tamanho natural dos pretensos pai e mãe de Guido. A senhora era uma majestosa florentina de olhos brilhantes e astuciosos e boca peremptória. Compridas mangas com tufos e pérolas subiam quase até às eriçadas pontas da renda engomada que lhe rodeavam a cabeça, cônica e enrançada. A massa profunda das roupas caía à sua volta em arestas sombrias; a cauda do vestido, que se perdia numa perspectiva de árvores primitivas, tinha a espessura de um tapete. Parecia esperar uma ave. O cavaleiro estava precariamente empoleirado num cavalo de batalha. Parecia menos montado no cavalo do que prestes a baixar sobre ele. O azul de um céu italiano estendia-se entre a sela e as nádegas do cavaleiro. O cavalo fora captado pelo pintor a descrever a parte final de um arco, a crina erguida numa ondulação agonizante, e a cauda apontada para a frente, por entre as finas pernas chanfradas. A sua roupa era uma confusa mistura de romanesco e religioso, e na dobra do braço esquerdo trazia um chapéu emplumado, com a copa voltada para fora. No conjunto, a composição poderia ter sido um capricho